



V Jornada Brasileira de Sociologia

Desafios, dilemas e oportunidades nas sociedades democráticas

Novembro, 2017, Pelotas/RS

GT 01 – Identidades, diferenças e desigualdades em debate

O debate liberal e conservador de grupos do Facebook quanto ao projeto Escola Sem Partido

O debate liberal e conservador de grupos do Facebook quanto ao projeto Escola Sem Partido

Murilo Paiotti Dias¹

Serão trabalhados os debates sobre o projeto “Escola Sem Partido” em um âmbito online de grupos do Facebook com identidades discursivas liberal e conservadora. Procurar-se-á, através de uma metodologia quantitativa e qualitativa adaptada para a dimensão digital, estabelecer se há no ativismo dos membros dos grupos liberais e conservadores uma postura democrática e tolerante condizente com o que, até então, seria uma das prioridades do projeto: a tolerância e o pluralismo de ideias na própria escola. É através de tal abordagem metodológica e a partir de abordagens teóricas que se estendem desde estudos próprios da sociologia e filosofia digital, como os do filósofo Pierre Lévy e do sociólogo Manuel Castells, até os autores pós-estruturalistas da Teoria do Discurso, Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, e o diálogo que esta autora estabelece com a tradição psicanalítica (freudiana e lacaniana) para construir uma proposta de um pluralismo agonístico, que tornar-se-á possível abarcar os espaços digitalizados de interações com ativismos que tratam perspectivas políticas diferentes como adversárias ou inimigas, em dinâmicas democráticas ou intolerantes, para estabelecer se as demandas do projeto, por pluralismo de ideias e tolerância, apoiadas por parte dos ativismos liberal e conservador que são a favor desse, são apenas para as salas de aula ou se elas se estendem como prioridade para a militância online de direita, liberal e conservadora, aqui compreendida.

Palavras-chave: Escola Sem Partido; Agonismo; Intolerância; Ciberativismo

¹Murilo Paiotti Dias: Bacharel em Ciências Sociais e Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS/UFPEL.

1. Introdução ao universo que está sendo pesquisado

O presente artigo é parte de uma reflexão maior ainda em desenvolvimento pelo autor a partir de sua pesquisa de dissertação. Este trabalho levanta diversos pontos já tratados no projeto de qualificação do autor, e acrescenta alguns dados empíricos. Assim, pretende-se aqui explorar debates e ativismos políticos no meio infocomunicacional *online* proporcionado pela *Internet*. Tais debates são travados em alguns dos maiores grupos nacionais liberais e conservadores internos à rede social Facebook. Os debates que aqui serão tratados dizem respeito ao programa Escola Sem Partido e à Proposta de Emenda Constitucional 193/2016 (a PEC do Escola Sem Partido).

Como a pesquisa de dissertação ainda não concluiu toda a coleta empírica que será útil, este artigo pretende trabalhar com os dados de dois dos maiores grupos liberais e conservadores do *Facebook*. Um liberal e outro conservador. Por motivos éticos da pesquisa netnográfica (uma etnografia em rede, que compõe o aporte qualitativo utilizado), procurar-se-á não comprometer os membros e administradores dos grupos estudados, por isso, não serão divulgados dados pessoais relacionados às informações encontradas nos *profiles* (páginas dos perfis dos usuários do *Facebook*) dos membros nem os nomes dos dois grupos que serão tratados neste artigo (BRUCKMAN, 2006; KOZINETS, 2014).

Tendo como ponto de partida o fato de que o projeto Escola Sem Partido propõe a tolerância e a pluralidade de ideias em sala de aula, e que o mesmo é demasiadamente apoiado por veículos de mídia, partidos e movimentos que se declaram de direita; o que se pretende é questionar se os membros dos grupos selecionados exercem coerentemente sua militância à favor do projeto, ou seja, se são tolerantes e abrem espaço para a pluralidade de ideias nos debates online que travam internamente aos grupos, ou se são intolerantes com qualquer ativismo que se posicione contra o Projeto Escola Sem Partido e à PEC 193/2016.

2. Sobre o processo metodológico

Para poder explorar os debates internos aos grupos estudados, foram selecionadas, num período de seis meses (julho de 2016 até dezembro de 2016) as postagens internas a dois dos maiores grupos liberais e conservadores nacionais que levantassem discussões concernentes aos temas do projeto Escola Sem Partido e da PEC 193/2016. Assim, tanto o acompanhamento parcial dos debates por parte do autor, quanto o mecanismo de busca que há internamente às páginas dos grupos, foram úteis para recolher o material empírico que está na forma de postagens.

As postagens são estruturadas de forma tal que dispõem de um núcleo de postagem, em torno do qual uma série de “comentários” e “curtidas”, em suas diferentes formas (“haha”, “grr”, “amei”, “uau”, “curtir”), de membros dos grupos podem ser inscritos no registo digital. Tais instâncias que compõem a postagem podem se inscrever como discursos agonísticos, ou seja, democráticos, ou antagonísticos com qualquer demanda que seja contra o projeto Escola Sem Partido e a PEC 193/2016 ou que se coloque diferente à identidade discursiva intolerante que considera a diferença como ameaça, a marca de um inimigo político.

A figura nº 1 serve para ilustrar o modelo de uma postagem e a forma como são trabalhadas para este artigo.

Figura nº 1 – Exemplo de elementos em um *post*

The image shows a Facebook post with several elements highlighted by colored boxes:

- Blue box:** The main text of the post: "Sabe o que um petista tem mais que uma pessoa normal? Tem mais é que se fuder. A cara de pau dessa gentalha, em acusar os outros do que fazem é sem limites. Petistas merecem mesmo morte lenta".
- Yellow box:** The main image of the post: "Dilma critica 'Escola sem partido' e diz que governo Temer quer transformar brasileiro em 'carneiro' - Política - Estadão".
- Red box:** A comment: "prova que a Dilma está errada." with 1 like.
- Red box:** A comment: "ela é dilma...ja esta errada por ter nascido, por ser petista, por ser terrorista, por ser ladra de banco, por apoiar ditaduras, por apoiar terroristas. etcetetc".
- Green box:** A comment: "e seus zurrros...".
- Green box:** A comment: "Dilma acusa temer de querer transformar os brasileiros em seus cordeirinhos" INCRIVEL.
- Red box:** A comment: "Em terra de Petista Quem tem cérebro é golpista!".
- Red box:** A comment: "Num post você critica a censura, no outro você apoia. Se decida home".
- Red box:** A comment: "não cansa das suas maluquices".
- Red box:** A comment: "Ele é um dos que dão graça a esse grupo".

Legend:

- Conteúdo nuclear do *post*.
- *Post*
- Um comentário.
- Curtidas.
- Demandas intolerantes em retóricas.
- Demandas democráticas em ret.

(Fonte: imagem extraída de um grupo liberal do *Facebook*).

A obtenção do compilado de postagens foi realizada através da tecla computacional *print screen* para abarcar as articulações discursivas nas formas de imagens que são ricas para abordar o empírico do debate aqui compreendido. Assim como demonstrado na figura nº 1.

A metodologia utilizada para a realização do trabalho conta com aspectos qualitativos e quantitativos. Para interpretar se há a pluralidade de ideias e tolerância nos debates travados, será imprescindível a realização do método netnográfico. Uma etnografia *online* que articula e adapta os procedimentos etnográficos de observação participante às contingências da interação social mediadas por computadores (KOZINETS, 2014). Esta dimensão mais qualitativa do trabalho contará com um olhar que selecione os textos internos às postagens, produzidos pelos próprios membros dos grupos, e que são relevantes para pensar a pluralidade de ideias e a intolerância com que os membros militam.

Para compreender quantitativamente o suporte militante que os membros dão a textos democráticos ou intolerantes com posicionamentos agonísticos, serão quantificadas as “curtidas” que suportam, ou não, o ativismo de alguns membros. A “curtida” objetiva quantitativamente reações subjetivas qualitativamente. Assim, mesmo depois de pensada numericamente certas dimensões fundamentais das postagens, o método netnográfico ainda se fará útil para o discernimento do ativismo nas reações subjetivas objetivadas. As “curtidas” que se apresentarem ambíguas ou duvidosas para uma interpretação netnográfica serão desconsideradas.

Para exemplificar como serão quantificadas as “curtidas”, o exemplo da figura nº1 será útil para que se construa o quadro nº 1. O quadro nº 1 conta com a quantidade de curtidas em discursos agonísticos (democráticos) e antagonísticos (intolerantes) a respeito da postagem específica da figura nº 1.

Quadro nº 1 – Curtidas da figura nº 1 quantificadas e interpretadas

	DEMOCRÁTICAS / AGONÍSTICAS	INTOLERANTES / ANTAGÔNICAS
CURTIDAS	1	12

Após ser realizado tal procedimento com as demais postagens dos dois grupos, um liberal e outro conservador, selecionados para este artigo, haverá uma quantidade total que ajude a refletir sobre a relação do ativismo *online* dos grupos estudados com a democracia agonística de Chantal Mouffe. Uma perspectiva que será introduzida no próximo momento deste artigo, e que é considerada aqui como adequada para abordar se há uma coerência entre o ativismo à favor do programa Escola Sem Partido e da PEC 193/2016 com as demandas desses últimos.

3. Aporte teórico

3.1. Alguns levantamentos de estudos sociais digitais

O filósofo Pierre Lévy (2011) destaca que o “Ciberespaço” é um termo cunhado na obra literária *Neuromancer*, escrita em 1991, por William Gibson. No campo das ciências humanas e sociais, esta noção pode ser entendida como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 2011, p 94). Assim, o ciberespaço trata-se de um ambiente de comunicação que compreende um conjunto vasto e incomensurável de interações humanas realizadas nas mais diferentes esferas da vida social: a arte, a política, a educação, a religião etc. Este artigo pretende se concentrar em uma instância, ainda que muito parcial, da dimensão política que pode ser verificada em tal espaço digital.

Não se pretende problematizar aqui a reflexão crítica da noção de ciberespaço presente em autores como Richard Miskolci (2016), por esta propor uma oposição real/virtual. Miskolci aponta tal oposição como falsa. Para o sociólogo, tal concepção, que é mais apurada nos meandros dos estudos sociais de mídias digitais inicialmente por

Pierre Lévy (2011), mas também é trabalhada por outros autores importantes, como, por exemplo, Castells (2016), que enxerga o mundo virtual como um espaço de fluxos que dominam e moldam uma sociedade em rede, é errônea por não focar no caráter real e autoinflunciador no contínuo *on-offline* dos âmbitos real e virtual, trata-se de uma concepção que reduz a realidade social a um dualismo que de fato não existe. Miskolci é influenciado pela leitura de Hine (2009), que pensa a Internet como um fenômeno cultural que serve de interesse para abordagens sociológicas e antropológicas. Tal percepção substitui a ideia de ciberespaço pelos “valores, códigos culturais, assim como características técnico-comunicacionais que criam e delimitam as redes nas quais nos inserimos” (MISKOLCI, 2016, p. 284).

Além da importância sociológica e antropológica, dimensões sócio-políticas podem ser destacadas como de grande valia para serem exploradas nas redes sociais. A *Internet*, conforme aponta Castells (2015, p. 355), se configura como uma ágora pública que serve de “espaço de interação significativa da sociedade, onde ideias e valores são formados, transmitidos, apoiados e resistidos; espaço que, em última instância, se torna um campo de treinamento para ação e reação”. O autor reconhece que as redes sociais materializam uma estrutura social nova, em rede, que transforma a paisagem social e organizacional das redes com lógicas de comunicação mais horizontalizadas. Amaral e Ferreira (2015) concordam que, através de um viés que não o da mídia tradicional, a internet ajuda a configurar estratégias, debates e expor as próprias repressões sofridas por militâncias de movimentos sociais que demandam politicamente por seus direitos de cidadania. Como exemplo de tais estratégias de ativismo político, a figura nº 2 auxilia a pensar a contribuição que os novos meios infocomunicacionais podem proporcionar aos militantes.

Figura nº 2 – Cena de repressão policial sendo debatida entre os membros de um grupo liberal do *Facebook*.

██████████ compartilhou o vídeo de ██████████
13 de agosto de 2016

Eu havia dito que vivemos uma situação pior do que a ditadura 64-85 e tem gente q tem dificuldade de aceitar. Se no regime militar tínhamos partidos de fachada que não representavam o povo, os de hoje tão pouco nos representam.



72.568 visualizações

██████████
11 de agosto de 2016 Curtir Página

A Lei da Mordça - "Escola Sem Partido" - Não Passará!
Escolas fechadas, sucateadas - Não mais!
Por uma Educação Livre e Libertadora!

#NãoTemArrego #ForaPM #ForaAickmin #SecundaristasEmLuta
#AtoNacionalPelaEducação #DiadoEstudante #abaixoamordça #EscolasLivres
#Liberdade #AbaixoRepressão #OcupaBR #OcupaTudo
#MalEducado #NãoFechemMinhaEscola #JornalistasLivres #BrasilDeFato

Curtir Comentar

3

██████████ Soldados baixando o cacete em bademeiros.
Curtir · Responder · 13 de agosto de 2016 às 11:33

██████████ Ta foda erik
Curtir · Responder · 13 de agosto de 2016 às 13:56

██████████ São crianças..kkkkkk
Curtir · Responder · 13 de agosto de 2016 às 14:42

██████████ Realmente um absurdo. Mas daí a dizer que a repressão policial é maior hj do que durante o regime militar é uma hipérbole falsa e desnecessária.
Curtir · Responder · 15 de agosto de 2016 às 02:42

(Fonte: um grupo liberal de *Facebook*).

Patrocínio (2008) considera a cidadania como uma condição do homem na sociedade, na qual o respeito interpessoal entre os cidadãos expõe a capacidade de um exercício de alteridade positivo e responsável com relação aos outros cidadãos. A *netiquette*, um conceito que será imprescindível para a segunda parte deste subcapítulo mais teórico, trata-se, segundo Patrocínio, da existência de regras de convivência em contextos *online* das redes digitais que venham a garantir o equilíbrio das paixões entre sujeitos políticos com interesses diferentes e (ou) opostos. É muito importante destacar, também para o próximo momento desta parte teórica do artigo, que Patrocínio está se referindo a “paixões” quando trata de pensar as relações políticas presentes em instâncias digitais.

3.2. O agonismo, a psicanálise e a intolerância

A cientista política belga Chantal Mouffe escreve sua obra com as intenções de instaurar as perspectivas possíveis para uma democracia agonística. Para a autora, é preciso que as pessoas que decidam pensar o social desistam de acreditar na possibilidade de um consenso final entre identidades coletivas disputantes do espaço político. Tal posicionamento deve-se ao fato de sempre haver investimentos passionais nos ativismos políticos (como acabou de ser dito no final do último item teórico) que tornam precário todo e qualquer modelo puramente racionalista que acredite acabar com todas as formas de antagonismos. Para Mouffe, não há reconciliação última entre os adversários no jogo democrático. Conforme as palavras da autora:

Na minha opinião, a crença na possibilidade de um consenso racional universal tem colocado o pensamento democrático no caminho equivocado. [...] A tarefa dos teóricos e políticos deveria consistir em promover a criação de uma esfera pública vibrante de luta “agonística”, onde pudesse se confrontar diferentes projetos políticos hegemônicos. Esta é, no meu ponto de vista, a condição *sine qua non* para um exercício efetivo da democracia (MOUFFE, 2007, p. 11).

Os membros dos grupos encontram nas disputas agônicas e antagônicas identidades coletivas com as quais estabelecem processos de identificação. O processo de identificação é importado da metapsicologia de Freud e é incompatível com qualquer perspectiva essencialista da identidade, pois tornam esta “um momento instável da prática da identificação” (BURITY, 1997, p. 6). Assim, Mouffe (2007, p. 32) argumenta que:

[É] crucial para a teoria democrática levar em conta a dimensão afetiva da política, e para isto é necessário um sério diálogo com a psicanálise. A análise de Freud do processo de “identificação” destaca o investimento libidinal que opera na criação das identidades coletivas, e nos fornece importantes indícios ao que se refere à emergência dos antagonismos.

A identificação, segundo Freud (2013, p. 96), como “a forma de ligação emocional mais precoce e mais original”, propicia ao “eu” as formas que ele apreende através dos moldes de um objeto identificado. O objeto pode ter a qualidade de uma outra pessoa ou de uma identidade coletiva. Assim, “Freud escolheu a identificação para exprimir a incompletude da identidade; a identificação não faz, na verdade, o mesmo, ela tem por efeito multiplicar esse suposto mesmo” (FLORENCE, 1994, p.145). Apesar do viés psicanalítico considerar a identificação com uma ideologia ou uma perspectiva política dada como um processo de identificação das massas, este artigo concorda com Mouffe que é necessário que tais processos sejam implementados para o jogo democrático.

Canais democráticos pluralistas devem ser pensados para que as relações sociais não adquiram um caráter antagonico, ou seja, para que as identidades coletivas não assumam uma perspectiva de “nós” contra “eles” na linha de “amigos” e “inimigos”. Daí a importância da *netiquette*, mencionada no primeiro item teórico deste artigo. A *netiquette* em tais canais não propõe o fim das expressões políticas apaixonadas, mas a possibilidade de que aqueles que se confrontam na sociedade civil, e a sociedade civil compreende os grupos de *Facebook* que não venham a assumir o posicionamento antagonico, porque podem sublimar² tais paixões através dos canais da democracia

² A libido modifica seus investimentos. Ela muda de alvo e objeto. Na sublimação, desde uma perspectiva freudiana, a pulsão libidinal encontra satisfação desviando do objeto e do alvo sexual (embora tal processo seja associado a Eros, e, por isso, a sublimação seja um destino para os representantes das pulsões sexuais) para ser investida em atividades e objetos socialmente valorizados (VALAS, 2001), como no caso dos confrontos em uma democracia agonística. Diferentemente de uma formação reativa (um processo ligado a sentimentos tais como a humilhação, asco, vergonha), por exemplo, que em um primeiro momento na obra de Freud é tida como um subprocesso sublimatório não diferenciado da sublimação, mas depois o é pelo fato das formações reativas envolverem o recalque da sexualidade, a sublimação é um outro destino das pulsões que não o do recalque e de seus distintos instantes: fixação, recalque propriamente dito e retorno do recalque. Desde uma perspectiva lacaniana, que trabalha mais com a questão ética, tal definição da sublimação é considerada normativa por estar estritamente ligada a uma noção de adaptabilidade social. Lacan afirma que a sublimação eleva um objeto à dignidade da coisa (*das Ding*). Esse elevar sustenta o vazio de *das Ding* e possibilita que o real potencialize-se pelo ato criativo, tal processo ocorre através de um engodo entre a cultura e o registro do imaginário. Só a partir de tal encontro que formam-se os valores e formas valorizados socialmente que não reduzem o processo sublimatório a um caráter instintivo. Para Lacan, a sublimação não se restringe ao gozo fálico (aquele que abarca os prazeres humanos em geral), trata-se um processo para além do gozo fálico e que envolve a dessexualização da pulsão (no sentido estrito do gozo incestuoso) e a satisfação criativa (TOREZAN; BRITO, 2012).

agonística (MOUFFE, 2007). A figura nº 3 é exemplo da *netiquette* de um grupo liberal que preza o debate agonístico.

Figura nº 3 – *Netiquette* de um grupo liberal.



(Fonte: imagem extraída da postagem de um grupo liberal)

Diferentemente do ativismo que sublima as aspirações políticas, o ativismo intolerante encontra outro meio em sua militância. O intolerante, argumenta Dunker (2015), é um mestre invadido. O que não se tolera é um fragmento de gozo inadmitido na fantasia do sujeito intolerante. Assim, para usar alguns exemplos, o autor considera o xenófobo como alguém que não teria a capacidade de lidar com a irrelevância ou a impotência de sua própria origem; já o machista seria aquele que teme as conquistas dos direitos das mulheres por sentir-se desprotegido. A intolerância, portanto, é uma reação ao gozo do outro que é sentido pelo intolerante como excessivo e intrusivo ao seu próprio gozo. Este processo é entendido na psicanálise como formação reativa. Assim, a

sublimação da aspiração política liga-se ao agonismo, como a formação reativa liga-se à intolerância que pode emergir como um afeto político que serve de sustentação a antagonismos com perspectivas agonísticas.

4. Quadro com o total de demandas agonísticas/democráticas e antagônicas/intolerantes.

	Curtidas em demandas agonísticas	Curtidas em demandas intolerantes
Liberal	22	0
Conservador	0	16

5. Conclusão e resultados

Muitas das demandas discursivas em grupos conservadores não foram consideradas intolerantes porque apenas falavam em doutrinação, embora outras usassem a premissa do argumento de doutrinação da esquerda nas escolas para justificarem algumas demandas intolerantes. Eis na figura nº4 um bom exemplo de um membro de um grupo conservador que manifestou suas formações reativas a partir de uma premissa ideológica. Embora a postagem não faça parte do intervalo de tempo que foi pré-determinado para selecioná-las, e, por isso, as “curtidas não foram contabilizadas para a tabela, e embora os responsáveis pela postagem tenham trocado a palavra “andrógeno” por “andrógino”, o exemplo é de grande valia.

Figura nº 4 – Exemplo de demandas discursivas intolerantes



(Fonte: postagem de um grupo conservador)

O grupo liberal selecionado para este artigo é o grupo que mais demonstrou, durante o tempo de acompanhamento das postagens por parte do autor, posicionamentos democráticos. Até o momento, as investigações que concernem ao trabalho puderam concluir que membros de grupos liberais tendem a ter uma inclinação muito mais adequada ao jogo democrático do que os membros de grupos conservadores, que, muitas das vezes, são hostis em seus ativismos políticos e acabam entrando em relações antagônicas.

Assim, não há coerência em parte do ativismo estudado, especialmente do ativismo interno aos grupos conservadores aqui contemplados, ao demandar um

programa que poderia ser encara como agonístico, de forma antagonística. Se o Escola Sem Partido prevê que a pluralidade de ideias é um aspecto positivo, para que não haja falsidade de valores, hipocrisia, a militância que demanda tal projeto não deve se portar de forma antagônica com outros posicionamentos agônicos.

REFERÊNCIAS

BRUCKMAN, Amy. Teaching students to study online communities ethically. **Journal of Information Ethics**, Fali: 82-98. 2006.

BURITY, Joanildo. **Psicanálise, identificação e a formação de atores coletivos** [Mimeo]. Trabalhos para discussão Tpd, n. 82, 1997.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FLORENCE, Jean. As identificações. In: ROITMAN, Ari (Org.). **As identificações na clínica e na teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994, p. 115-46.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

HINE, Christine. How can qualitative internet researchers define the boundaries of their projects? In: MARKHAM, Annete N; BAYM, Nancy K. **Internet Inquire: conversations about method**. Los Angeles: London, Sage, 2009.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2011.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea**, São Carlos, v. 6, n. 2 p. 275-97, jul./dez. 2016.

MOUFFE, Chantal. **En torno a lo político**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

TOREZAN, Zeila Facci; BRITO, Fernando Aguiar. Sublimação: da construção ao resgate do conceito. **Ágora**, v.15, n.2, p.245-258, 2012.

VALAS, Patrick. **As dimensões do gozo**. Zahar, 2001.